



Introdução ao Terceiro Mundo *Introduction to the Third World*

Marilá Dardot, 2011

Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro



Welcome!

This small museum gathers some clues about the Third World, an archipelago located in the east-southeast of New Atlantis, composed of islands of varying size and floating population. Uncertain access place, the Third World has no written history or date of discovery: it is rediscovered and established day after day.

In forming this collection, we had the collaboration of some of its founders: Alfred Jarry, Caetano Veloso, Cao Guimarães, Carol Dunlop, Cildo Meireles, Cinthia Marcelle, Daniel Santiago, Fabio Moraes, Gilberto Gil, Héctor Zamora, Italo Calvino, James Joyce, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Lais Myrrha, Liliane Dardot, Marcel Broodthaers, Marcel Duchamp, Marilá Dardot, Matheus Rocha Pitta, Rivane Neuenschwander, Sara Ramo, Tom Zé e Wilfredo Prieto.



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*

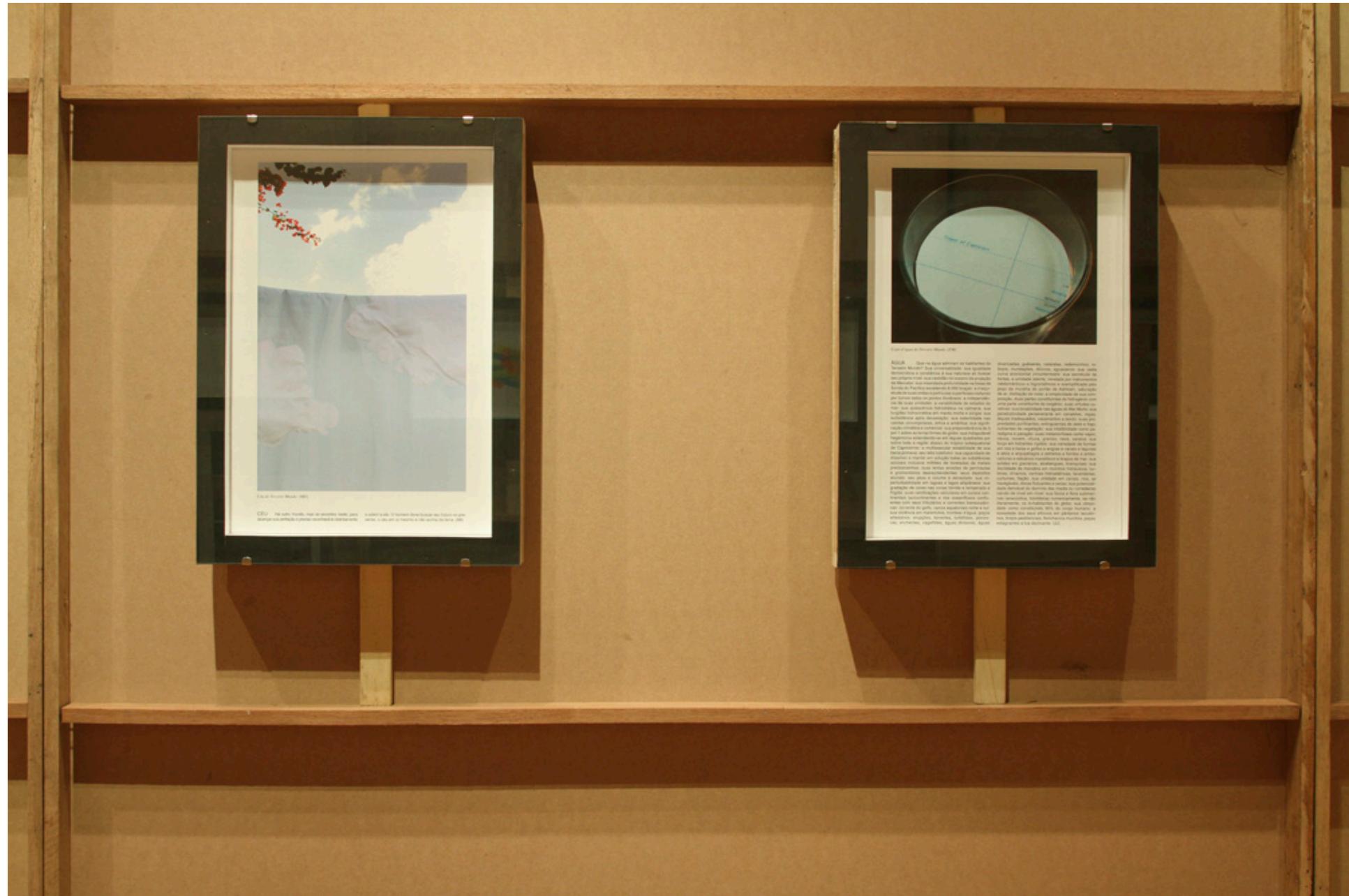


Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*





Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*



Vista da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro *Exhibition view at Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro*

Introdução ao Terceiro Mundo

O terceiro mundo de Marilá Dardot é sinônimo de liberdade. Trata-se de um terceiro que não é fruto da dialética clássica; um terceiro que não é mera síntese, mas instauração de uma diferença. A artista sabe do significado usual dessa expressão - sinônimo de países subdesenvolvidos. Mas aqui o um, o primeiro, não está hierarquizado como o vencedor. O embate entre um e dois não é uma competição, mas sim um encontro, ou desencontro, que gera um terceiro – o diverso do já dado, a resultante de confluências, cruzamentos.

Dardot se apropria de trabalhos de outros artistas e escritores e a partir deles, por conta deles, deflagra uma nova criação. Nesse ato dilui a noção de obra acabada e afirma aquela do trabalho em processo, conjunto, em pedaços, fruto justamente dos encontros, e não de uma autoria fechada, autônoma.

Na mostra, a instauração desse outro lugar começa com a delimitação de um território – uma nova sala dentro da sala de exposições tradicional foi construída. Dentro dessa sala encontra-se uma espécie de pequeno museu. Reproduções de “obras de arte” seguidas de verbetes criam um novo olhar, adicionam um outro sentido, ou somente embaralham o significado primeiro diante daquilo que foi apropriado pela artista.

Esse museu se organiza por categorias: água, relógios, flora, mapa, etc. Aqui o tempo, por exemplo, quando dito como aquele que é um dia como outro qualquer, qualquer é, de fato, notem, um dia tão importante como todos os outros.

Essas obras eleitas por Marilá Dardot respiram a mesma sutileza política que habita os seus trabalhos. A artista erige em toda sua trajetória uma constante crítica ao modo de vida imposto pelo capital, sem por isso ser literal ou panfletária.

Seu terceiro mundo é uma metáfora da possibilidade de transformação, de uma reinvenção diante de categorias já dadas, impostas. Um outro mundo deflagrado a partir do contato com manifestações de outros artistas, ou seja, a sinalização de que esse contato pode engendrar novas obras, inflamar vidas, mudar o curso de um olhar.

Marilá Dardot nos recorda que a chance de construirmos um terceiro mundo, ou seja, uma diferença, pode ter início na aproximação com a arte. Assim, não só o artista pode ser sujeito de uma mudança, mas essa possibilidade está endereçada a cada um de nós.

Luisa Duarte

Introduction to the Third World

Marilá Dardot's third world is a synonym of freedom. It is about a third which is not born from classic dialectic; a third that is not mere synthesis, but the establishment of a difference. The artist is aware of the regular meaning of this expression – as synonym of underdeveloped countries. Nonetheless, here, one, the first, is not placed in a hierarchy, as a winner. The battle between one and two is not a competition but, otherwise, an encounter, or rift, which generates a third – different from that which may be found, the result of confluences, crossings.

Dardot appropriates the work of other artists and writers and based on these, triggers a new creation. With this act she dilutes the notion of a finished work and affirms the idea of the work in process; a joint work, in parts, the precise outcome of encounters, and not of an autonomous, self-contained author.

In the exhibition, the establishment of this other place begins with the outlining of a territory – a new room inside the traditional exhibition room was built. In this room there is something resembling a small museum. Reproductions of “art works” which come with a glossary create a new perspective, add another meaning, or simply mix up the first meaning when facing what was initially appropriated by the artist.

This museum is organized in categories: water, clocks, flora, map, etc. Here time, for instance, when expressed as a day as any other, any is, in truth, a day as important as all the others.

The pieces chosen by Marilá Dardot ooze the same political subtlety which inhabits her work. Through these, the artist develops a continuous critique regarding the life style imposed by capital, without being, for this sake, literal or a pamphleteer.

Her third world is a metaphor of the possibility of transformation, of a re-invention in face of imposed, known categories. Another world triggered by the contact with the manifestations of other artists; in other words, the indication that this contact may engender new pieces, inflame lives, change the direction of a view.

Marilá Dardot reminds us that the chance we have of building a third world, of making a difference, may begin through art. Hence, not alone the artist may be the subject of a transformation, as this possibility addresses each one of us.

Luisa Duarte

Luiza Duarte
entrevista interview Marilá Dardot

"Terceiro Mundo" é uma expressão que ficou conhecida como a forma de designar países subdesenvolvidos. A meu ver, não é nesse sentido que caminha o título de sua exposição. Penso que o terceiro surge como aquela possibilidade que escapa do já dado, do duplo que insiste nas oposições. E ainda, o nome da mostra tem inspiração em um conto de Jorge Luis Borges - *Tlön, Uqbar Orbis Tertius* -, no qual países são criados a partir de castelos de palavras. Até que ponto esse "Terceiro Mundo" deseja ser uma enciclopédia-invenção de um outro mundo? Por exemplo, uma ideia de tempo mais lento está ali posta através de obras e textos. Não se trata da busca por inventar, no campo da arte, um terceiro lugar, uma heterotopia possível em um mundo "real" que parece cada vez mais subjugado a dogmas que dizem não haver saída - fora - para a forma que está à vista?

Use, de propósito, a expressão "Terceiro Mundo" sabendo das tensões que ela convoca: seu uso, durante a Guerra Fria, para designar países que seriam economicamente "subdesenvolvidos" e geopoliticamente não alinhados. Com o fim da Guerra Fria, estes termos caíram em desuso, substituídos por "países desenvolvidos", "países em desenvolvimento" ou "emergentes", e "países subdesenvolvidos". Todas estas expressões trazem consigo um pensamento hegemônico que pretendo ironizar. Ao contrário dessa lógica hierárquica, escolho aqui pensar o número um como o de um singular, o dois como o embate entre duas experiências (indivíduos, olhares, mundos, culturas) e o três como o acontecimento que surge desse embate. ¶ Para mim, a arte é uma tentativa de propor novas formas de olhar, pensar e sentir, a partir do encontro (e desencontro) entre o artista e o mundo em que ele vive. Inventar o Terceiro Mundo foi um exercício de imaginar se obras de artistas e escritores perdessem seu estado de "arte" para passarem a operar a forma de organização desse lugar. Expõe, também, algumas de minhas referências, de meus pares, dos meus universos. ¶ Na exposição, a instauração de um outro mundo se dá por camadas: delimi-

ta-se um território - uma nova sala - que é um pouco o avesso da sala de exposições. Dentro, uma espécie de museu que apresenta, em um arranjo sistemático, uma introdução ao Terceiro Mundo. Reproduções fotográficas (de obras de arte que poderiam estar na sala de exposições, no mundo do lado de cí) e textos formam os verbetes que descrevem o funcionamento desse outro mundo. ¶ Você lembra que no Terceiro Mundo o tempo passa mais lento. Para ser mais precisa, há naquele lugar várias formas como se relacionar com o tempo, de acordo com o que queremos dele: às vezes um tempo suspenso, às vezes um tempo elástico, outras vezes mais lento. Mas acho importante sua notação sobre o tempo, porque a própria exposição exige do visitante um olhar mais demorado e também mais ativo, pois cada um vai completar lacunas, estabelecer conexões, fazer relações entre coisas que estão e que não estão dadas naquele espaço, construir seu próprio Terceiro Mundo.

A série de trabalhos que exibem ilhas do "Terceiro Mundo", espécie de mapa, parece nos dizer que esse lugar é um arquipélago. As suas ilhas surgem como desenhos feitos de colagens com pequenos pedaços de adesivos que servem para marcar páginas de livros. Esses mapas parecem evocar a possibilidade de que esse outro lugar seja aquele produzido pela nossa capacidade de alinhar conteúdos distintos à nossa maneira. O conjunto de livros e páginas que lemos e nos marcamos ao longo da vida formam um continente. Talvez esse trabalho explique a ausência do verbete "história" na exposição. Faz algum sentido para você essa leitura dos mapas do "Terceiro Mundo"?

Sim, faz sentido. As ilhas do Terceiro Mundo são feitas de relações, são construídas por um outro a partir do seu encontro com obras

e autores. Penso no leitor (e no visitante da exposição) como esse terceiro que constrói sentidos através de sobreposições, intersecções, somas, subtrações, afecções. É importante lembrar que os marcadores de livros têm uma transparência que faz com que suas cores se misturem, criando outras. Cada encontro interfere com e transforma o outro, e cada homem, ilha, cada mundo se constitui pela diversidade de experiências que acumula. É o verbete "história", claro, vai ser construído por cada um dos visitantes. O arquipélago é formado por quatro ilhas nomeadas por suas localizações: Sul-sudoeste, Norte-noroeste, Leste-nordeste e Sul-sudeste. Estão desalinhasadas, ocupam pontos subcolaterais, ou seja, uma terceira posição que surge entre um ponto cardenal e um ponto colateral.

"Terceiro Mundo" me recorda uma passagem atribuída ao poeta João Cabral de Melo Neto segundo a qual a poesia teria a capacidade de tirar as coisas do mundo do seu estado de dicionário. O "Terceiro Mundo" parece estabelecer um diálogo enviesado com as coisas no seu estado de dicionário. Qual relação seria essa?

Penso que o homem conhece e cria quando nomeia. O momento em que uma nova palavra entra em estado de dicionário significa que acordou-se que aquilo existe ou que pode existir. Por isso brinco de apresentar o Terceiro Mundo através de verbetes, para evidenciar que o mundo, qualquer mundo, não passa de uma construção. ¶ Quero da arte sua potência de nos devolver um olhar que desconhece regras, inverte lugares, muda a função do verbo, desorganiza a sintaxe, interroga, brinca de faz de conta. Manoel de Barros diria: fazer o verbo pegar delírio. Estou com os dois poetas, afirmo que a poesia (a arte, digramos nós) é a proposição de uma outra organização da linguagem, e logo da sensibilidade, das coisas e do mundo.

"Terceiro Mundo" é uma expressão que became known as the way to refer to underdeveloped countries. In my opinion, it is not in this sense the title of the exhibition was inspired. I believe that a third party or thing emerges as a possibility which differs from what is already known, from the double which persists in oppositions. Furthermore, the exhibition's name has as its inspiration a short story by Jorge Luis Borges - *Tlön, Uqbar Orbis Tertius* - where countries are created from castles of words. To what extent does this "Third World" wish to be an encyclopedic-invention of another world? For instance, an idea of a slower time is offered by means of books and texts. Is it not about the invention, in the art field, of a third place, a possible heterotopia, in a "real" world that seems increasingly subject to dogmas which declare there is no way out for the forms we recognize?

I intentionally use the expression "Third World", aware of the tension it provokes: Its use during the Cold War to indicate countries which were economically "underdeveloped" and not aligned geopolitically. With the end of the Cold War, these terms became outdated, being replaced by "developed countries", "developing countries" or "emerging countries", and "underdeveloped countries". All these expressions are imbued of a hegemonic thought which is my intention to ironize. Opposing this hierarchical logic, I choose here to consider the number one as singular; number two as the battle between two experiences (individuals, perspectives, worlds, cultures); and number three as the event which emerges from this battle. ¶ For me art is the effort to suggest new ways of looking, thinking and feeling triggered by the encounter (and rift) between the artist and the world in which he/she lives in. Inventing the Third World means the exercise of imagining works of artists and writers that lost their "art" state to then operate the way in which this place was organized. It also reveals some of my references, my peers and universes.

¶ In the exhibition the organization of another world takes place in layers: a territory is drawn – a new room – which is vaguely the opposite of the exhibition room. Inside, a new kind of museum is presented, by means of a not very systematic arrangement, an introduction to the Third World. Photographic reproductions (of art works which could be in the exhibition room, in the world on the other side) and texts form the glossary which describes the functioning of this other world.

¶ One is reminded that in the "Third World" time goes by at a slower pace. In truth, there is in that place several ways of how one could relate to time, according to what we wish from it: sometimes suspended time, at others an elastic one, and also an unhurried one. However, I find important its notation regarding time, because the exhibition itself demands from the visitor a more delayed and also more active look, for each will complete gaps, make connections, establish relationships among things which are and are not provided in that space, to build their own Third World.

The series of works which exhibit islands of the "Third World", a kind of map, seems to tell us that this place is an archipelago. Its islands emerge as drawings made from collages with small pieces of stickers which serve to indicate pages in books. These maps seem to evoke the possibility that this other place may be the one produced by our ability to see together – in our own way – different materials. The totality of books and pages which we read and that make an impression on us throughout life forms a continent. This work might explain the absence of the word "history" in the exhibition. Does this reading of the "Third World" maps make any sense to you?

Yes, it does. The Third World islands are made of relationships; they are built by others, born from their encounter with works and authors. I think of the reader (and the exhibition's visitors) as this third person who develops meanings through overlaps, intersections, additions, subtractions, affections. It is important to keep in mind that book stickers have a transparency which result in the mixture of its colors, generating others. Each encounter interferes with and transforms the other person, and each man/woman, each island, each world is constituted

by the diversity of experiences which he/she/it accumulates. The meaning of the word "history", of course, will be developed by each of the visitors. The archipelago is formed by four islands named by their locations: south-southwest, north-northwest, east-northeast and south-southeast. They are not aligned and they occupy sub-colateral points or, in other words, a third position that emerges from a cardinal point and a collateral point.

"Third World" brings to my mind a passage credited to the poet João Cabral de Melo Neto, according to which poetry would have the ability of getting worldly things out of their dictionary state. "Third World" seems to establish a cross-dialogue with things in their dictionary state. What relationship would that be?

I believe that men and women get to know and create things when naming them. The moment when a new word enters a dictionary state means we were awoken to its existence or its possible existence. Thus, I play of presenting the Third World through words, so that it may become evident that the world, any world, is but a construction.

¶ I yearn from art its power to reclaim for us a look which does not acknowledge rules, inverts places, changes verb functions, disorganized syntax, inquires, makes believe. Manoel de Barros would say: to make the verb catch a delirium. I stand with both poets and assert that poetry (art, let's say) is a suggestion for another language organization, and, therefore, for another sensibility for things and the world.